

# O Progresso Catholico

... sequor autem, et quo modo comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendent impetum ad destinatum persequor, ad bravium triumphi Ecclesiae... In Christo Jesus

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

SUMMARIO: Carta Encyclica do Nosso Sancto Padre Leão XIII.—Secção Religiosa: *Gottas de balmato*.—Secção Critica: *O Papa*, por A.; *A educação e os exames officiaes*, por o ex-alumno do lyceu J. A. R.; *Uma esmo'a por amor de Deus*, por D. P. Dias Ribeiro.—Secção Illustrada, por R.—Secção Bibliographica.—Secção Necrologica, por D. P.—Secção Litteraria: *O dia de finados*, por Rangel de Quadros. Secção de Communicados: *A imprensa catholica*, por José Jeronymo R. Pires Graça.—Retrospecto, por F.—Variedades: *Sancta Catharina*.

GRAVURAS: *Pobres no inverno*.

Subscrição em favor das Irmãs Hospitaleiras para defesa da Irmã Collecta

Redacção e Administração do «Progresso Catholico».....	4\$500
Quarta Pereira Dias Ribeiro...	4\$000
Fr. João de Santa Thereza Zamith	1\$000
J. M. de S. M.....	\$200
Margal José de Passos.....	2\$000
Padre Candido Lourenço Pereira de Carvalho.....	\$500
Um assignante do «Progresso Catholico».....	\$700
Somma.....	12\$900

c) Quem obtiver 6 assignaturas de se refere nos que já a recebem em papel de luxo, pois d'estes intendemos continguaturas subsidiadas de 400 reis e uma annua do mesmo modo.

d) Quem obtiver 7 assignaturas de oito centos reis tem direito a tres assignaturas subsidiadas de 400 reis;  
e) Quem obtiver 8 assignaturas de oito centos reis tem direito a tres assignaturas subsidiadas de 400 reis e uma dita de 200 reis.

O illustre benefactor pede que as assignaturas subsidiadas sejam, de preferencia, distribuidas a seminarios, collegios, eschololas, fabricas, officinas, boteguins, e hospedarias, para que a luz da verdade possa chegar a maior numero de almas.

As assignaturas subsidiadas não podem passar de cincoenta, por isso serão concedidas á medida que nos chegar a requisição d'ellas.

Este subsidio, por estranho á administração, nada tem com o premio a que acima nos referimos, podendo portanto accumular-se o premio e o beneficio d'estas assignaturas.

Muito convinha, para regularidade de serviço que o conhecimento d'ellas nos chegasse antes de 15 de dezembro.

Os nossos Assignantes do BRAZIL podem mandar a importancia de suas assignaturas (3\$200 rs. fracos, ou 4\$000 rs. sendo da edição de luxo) ao Ex.<sup>mo</sup> e R.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Gil Vaz—rua do Amparo, n.º 1—OLINDA.

Os Assignantes da INDIA podem satisfazer ao R.<sup>mo</sup> Capellão do Collegio de Nossa Senhora da Piedade, em PANJIM—GOA.

Os srs. Assignantes que no anno futuro desejem a nossa Revista em papel de luxo, dignem se prevenir-nos antes de 15 de dezembro, aliás não poderemos attender a suas reclamações. Isto não

Os srs. Assignantes que no anno futuro pagarem depois do mez de março pagarão mais vinte e cinco por cento. Mas grande serviço nos fazem pagando antes d'aquelle prazo.

A ADMINISTRAÇÃO.

## CARTA ENCYCLICA

DO NOSSO SANCTO PADRE

### LEÃO XIII

Aos nossos veneraveis irmãos os Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos do mundo catholico, em graça e com nullo com a Sá Apostolica.

### Do Rosario da Virgem Maria

LEÃO XIII, PAPA

Veneraveis Irmãos, saude e benção Apostolica

(Conclusão)

IX.—Virtute particular e propagação do Rosario

EVE SE CIER que a mesma Rainha celestial accrescentou uma grande virtude a esta reza, fundada e propagada pelo inclito Patriarcha S. Domingos por inspiração e impulso da mesma Senhora, como bellico e vantajoso instrumento para vencer os inimigos da fé em uma epocha muito adversa ao nome catholico e muito semelhante a esta que vamos atravessando. E, com effeito, a seita dos herjes albigenses, já clandestina, já manifestamente, havia

## EXPEDIENTE

O sr. Pires Graça veio outra vez á fala, mas em termos tão cortezes que nos confundiu e subjugou. Urnamos a attenção dos leitores para o Communicado que vai na secção respectiva. Ao sr. Pires Graça apertamos a mão cordealmente.

Está proximo o futuro anno. Haverá um premio para aquelles que nos obtiverem assignaturas novas, pagas adeantadamente; adeantadamente, bem intendido. Assignaturas atrazadas temo-as de sobra e são o nosso pesadelo. N'um dos proximos n.ºs annunciaremos qual é o premio.

Um magnanimo protector da imprensa catholica auctoriza-nos a distribuir assignaturas de menor preço, a que chamaremos assignaturas subsidiadas. Em virtude d'esse caridoso auxilio:

a) Quem obtiver 3 assignaturas de oito centos reis tem direito a uma assignatura subsidiada de 400 reis;  
b) Quem obtiver 5 assignaturas de oito centos reis tem direito a duas assignaturas subsidiadas de 400 reis;

invadido muitas regiões; a infecta geração dos manicheus, cujos terríveis erros reproduzia, dirigia contra a Igreja os seus artificios, as suas violencias e um odio mortal. Contra tão funesta e audaciosa turba, já se não podia confiar no apoio dos homens, quando veio um efficaz auxilio de Deus no amparo do Rosario de Maria. D'est'arte, com o favor da Virgem, vencedora gloriosa de todas as heresias, as forças dos impios foram destruidas e aniquiladas e a fé salva e incolume. A historia antiga do mesmo modo que a moderna comemora com clarissimos documentos muitos factos semelhantes, succedidos em grande numero em todas as nações, ora com perigos afugentados ora com beneficios recebidos. A este claro argumento ha tambem a accrescentar que tanto que foi instituida a oração do Rosario, para logo o costume de recital-a foi adoptado e exercitado por todos os cidadãos indistinctamente. Com effeito, a Religião do povo christão honra com insignes titulos e de varios modos a Mãe de Deus, que, ainda que saudada com tantos e tão augustos louvores e brilhando acima de todos elles, sempre teve uma singular predilecção por este titulo do Rosario e por este modo de rezar, no que parece que se resume a fé e a essencia do culto devido à Senhora; e com preferencia se tem sempre servido d'elle em publico e em particular, no templo e em familia, instituindo congregações, dedicando lhe altares e celebrando magnificas procissões, persuadida de que este é o melhor meio de celebrar as suas sagradas solemnidades e de merecer o seu patrocínio e os seus favores.

X.—*Tibieza dos povos curada outr'ora e hoje pelo Rosario*

Não devemos deixar em silencio uma consideração que n'esse assumpto põe em relevo uma particular providencia de Nossa Senhora. Vem a ser, que sempre que pela acção do tempo se ha esfriado o zelo da piedade em uma nação, caindo em desuso este piedoso habito d'orar, é notavel a unanimidade com que depois, quer nos tempos de crise temivel para o Estado, quer sob o imperio de qualquer outra necessidade, a pratica do Rosario, entre todos os outros adjutorios religiosos, tem sido restaurada e reposta no seu logar d'honra, e com grande proveito se tem de novo desenvolvido. Para isto não é preciso ir buscar provas ao passado, quando as temos brillhantes à vista. Na nossa epocha tão má para a Igreja, como dissemos ao principiari, e tão dolorosa para Nós, que fomos chamado pela divina Providencia para nos assentarmos ao seu leme, podemos Nós vêr e

admirar, em meio da insurreição das paixões, quão grande é a devoção e a estima pelo Rosario de Maria, em todos os logares e entre todos os povos de nome catholico. E este facto, que antes se deve attribuir a Deus, que dirige e conduz os homens, do que a qualquer prudencia ou habilidade humana, consola grandemente e levanta a Nossa alma, e enche-a d'uma grande esperança de vêr renovar e até augmentar os triumphos da Igreja, sob os auspicios de Maria.

XI.—*Preseverança na oração para que Deus a attenda*

Ha quem comprehenda o que Nós com tanta justiça acabamos de recordar, mas que, não tendo visto realisadas as suas esperanças, especialmente no tocante à paz e tranquillidade da Igreja. antes, pelo contrario, a situação se tem aggravado, se desleixa, como que fatigado e perdida a esperança, na sua solicitude e devoção por esta pratica. Mas taes homens devem primeiro procurar e esforçar-se para que as preces que dirigem a Deus sejam adornadas de convenientes virtudes, consoante a recommendação de Nosso Senhor Jesus Christo; e, ainda que assim sejam essas preces, considerem por ultimo que é inconveniente e illicito fixar a Deus o tempo e o modo porque hade obrar. Elle que nada nos deve, e de forma que quando attende as nossas orações, *et conorat merita nostra, nihil aliud conorat quam munera sua*, e que quando nos escuta menos favoravelmente segundo os nossos votos, procede como um bom pae previdente para com seus filhos, compadecendo-se da sua ignorancia e provendo à sua utilidade.

Mas as preces que offerecemos humildemente a Deus, em união com os suffragios dos santos do céu, para o tornar propicio à Igreja, acolhe-as elle sempre favoravelmente e as ouve, tanto as que dizem respeito aos grandes e immortaes bens da Igreja, como as que se referem aos bens inferiores e do tempo, uteis ainda aos primeiros. Porque a essas preces e meritos, ajunta um peso e uma graça abundante, elle *dilexit Ecclesiam et seipsum tradidit pro ea, ut illam sanctificaret. . . ut exhiberet ipsi soli gloriosam Ecclesiam*, o mesmo Summo Pontifice d'ella, santo, innocente, *semper vivens ad interpellandum pro nobis*, cujos rogos e supplicas cremos pela fé divina que hão ser ouvidas.

XII.—*Deus abate os inimigos e protege a Igreja*

A respeito dos bens exteriores e temporaes da Igreja, esta frequente-

mente tem de haver-se, como é sabido, com adversarios temiveis pela sua malevolencia e poder, que lhe tomam seus bens, restringem e opprimem a sua liberdade, atacam e desprezam a sua auctoridade, em uma palavra, causam lhe toda a sorte de damnos e de maus tratos. Ora se se procura a razão porque a sua malvadez não vae até ao fim das iniquidades que se propõem e se empenham em commetter, estando aliás tudo preparado; e porque, ao contrario, em meio de tantas vicissitudes a Igreja se mostra sempre com a mesma grandeza e a mesma gloria, embora d'um modo differente, e não cessa de crescer, a verdadeira e principal razão d'este contraste não se pôde deixar de reconhecer que é a intervenção de Deus sollicitada pela Igreja. E a razão humana tambem não explica como a iniquidade dominante permanece encerrada em limites tão estreitos, ao mesmo tempo que a Igreja cercada por todos os lados não deixa d'ir triumphando d'ella tão magnificamente. E o mesmo se vé ainda com mais clareza n'aquella especie de bens com que a Igreja conduz proximamente os homens à consecução do bem ultimo, pois havendo nascido para este ministerio, forçosamente deve pelas suas orações ter perfeita efficacia para o bom cumprimento da ordem divina e misericordiosa Providencia, e d'este modo os homens que oram com a Igreja e pela Igreja, alcançam por fim as graças que Deus omnipotente decidiu antes dos seculos conceder-lhes. (1) O espirito humano é incapaz de comprehender presentemente os profundos designios da Providencia; mas virá um dia, quando o proprio Deus, em sua bondade, descobrir as razões e o encadeamento dos acontecimentos, em que manifestamente se verá quão grande foi a acção e a influencia da oração no destino das cousas. Ver-se-ha tambem que d'ahi procede o haver tantos homens, que em meio da corrupção de um mundo depravado, se mostraram puros e indempnes *de todas as manchas da carne e do espirito, trabalhando em sua santificação no temor de Deus*; (2) que outros que estavam a ponto de se deixarem cair no mal se deliveram immediatamente e receberam do proprio perigo e da tentação um feliz augmento de virtude; outros, emfim, que tinham caído, sentiram em si o impulso que os levantou e os lançou nos braços da misericordia de Deus.

XIII.—*Como e o que se deve pedir. —Oração e penitencia*

Por estas considerações, pois, pedi-

(1) Santo Thomaz, 2, 2, q. 83.  
(2) Cor., VII, 1.

mos instantemente a todos os christãos que não se deixem surprehender pelas astucias do antigo inimigo e que não desistam por motivo algum do zelo da oração, mas antes perserverem e persistam n'ella sem interrupção. Seja o seu primeiro cuidado o do soberano bem, e peçam a salvação eterna de todos e a conservação da Igreja: podem depois pedir a Deus os outros bens, necessarios ou uteis á vida, com tanto que d'ante-mão se sujeitem á sua vontade sempre justissima, e lhe dêem graças como ao Pae mais benéfico, quer conceda quer recuse o que lhe pedem; enfim, que tenham para Deus a religião e a piedade que eminentemente convém e que se deve ter, a que tiveram os santos e o nosso santissimo Redemptor e Mestre, essa piedade de *cum clamore valido et lacrimis*. (1)

E agora o Nosso ministerio e Nossa paternal caridade exigem que imploremos de Deus, soberano dispensador dos bens, para todos os filhos da Igreja, não só o espirito de oração, mas também o de penitencia: fazendo-o de todo o Nosso coração, exhortamos igualmente todos e cada um a uma e outra virtude, tão estreitamente unidas entre si. A oração tem por effeito sustentar a alma, dar-lhe coragem, dirigir a para as cousas divinas; a penitencia tem por effeito dar-nos imperio sobre nós mesmos; principalmente sobre o nosso corpo, ferido pela antiga culpa e inimigo da razão e da lei evangelica. Estas virtudes, como é facil de ver, estão intimamente ligadas uma á outra, ajudam-se mutuamente e concorrem igualmente para subtrahir e arrancar das cousas mortaes o homem nascido para o céu, e de certa forma o levantam a um commercio celeste com Deus: succede pelo contrario, que aquelle cuja alma ferve de paixões e se acha enervada pelos desejos immoderados acha insipidas as doçuras das cousas celestias, e só tem para oração palavras frias e languidas, indignas de serem ouvidas por Deus.

Temos á vista os exemplos de penitencia dos santos, cujas orações e supplicas, como sabemos pelos annos sagrados, foram por isso mesmo extremamente agradaveis a Deus e operaram prodigios. Regulavam e dominavam incessantemente o seu espirito e o seu coração; propunham se adherir, com plena acquiescencia e toda a submissão, á doutrina de Jesus Christo e aos ensinamentos e preceitos da sua Igreja; não ter vontade em nada senão depois de terem consultado a Deus; considerar em todas as suas acções só o augmento da gloria de Deus; comprimir e quebrar energica-

mente as suas paixões; tratar o seu corpo com dureza e inclemencia, abster-se de todo o prazer, mesmo innocente, por virtude. Por isso podiam tomar para si estas palavras de S. Paulo: *A nossa conversação está no céu* (1); e por isso ainda é que as suas orações eram tão efficazes perante Deus, a quem imploravam e supplicavam. E' claro que nem toda a gente pode nem deve ir até esse ponto; mas as razões da justiça divina exigem que cada um, n'um espirito voluntario de mortificação, castigue a sua vida e os seus costumes; e é vantajoso, durante a vida, impôr-se penas voluntarias para assim merecer mais a recompensa da virtude.

#### XIV.—*Auxilio mutuo entre os christãos — Exemplo de Jesus Christo*

Além d'isso, como todos estamos unidos e vivos no corpo mystico de Jesus Christo, que é a Igreja, como seus membros, resulta que, seguindo a expressão de S. Paulo, da mesma forma que todos os membros se alegram com a felicidade d'um d'elles, e se entristecem com aquelle que soffre, assim, entre os irmãos christãos, devem partilhar-se os soffrimentos espirituaes ou corporaes uns dos outros e ajudar-se mutuamente tanto como possivel: *Conspirem igualmente todos os membros para o bem uns dos outros. Por isso, desde que um membro soffre, todos os outros soffrem com elle; ou se um membro se honra todos os outros se regosijam com elle. Ora vós sois o corpo de Jesus Christo e membros uns dos outros*. (2)

Todo aquelle que quer imitar o exemplo de Jesus Christo, que com immenso amor sacrificou a sua vida ao resgate dos nossos peccados, encontra n'este modelo de caridade uma exhortação a tomar sobre si as faltas dos outros; também aqui ha um grande laço de perfeição, que permite aos fleis estarem unidos entre si e muito estreitamente também com os cidadãos do céu e com Deus. N'uma palavra, a acção da santa penitencia é tão variada e engenbosa e estende-se tão longe, que cada um, seguindo o seu habito piedoso e com boa vontade, pode fazer d'ella um uso frequente e pouco difficil.

#### XV.—*Orar, por intercessão de Maria, com vivo fervor*

Em conclusão, Veneraveis Irmãos, esperamos com a vossa ajuda um feliz resultado das Nossas advertencias e exhortações, em razão da vossa insigne

e particular piedade para com a Mãe de Deus, e da vossa caridade e zelo pela grege christã; e estes fructos que a devoção, tantas vezes manifestada com esplendor, dos catholicos por Maria, tem produzido, já a Nossa alma goza em os colher antecipadamente em grande numero e abundancia.

Chamados por Vós, em virtude das vossas exhortações e seguindo as, desejamos que os fleis, principalmente no proximo futuro mez, se apinchem em volta dos solemnes altares da augusta Rainha, da Mãe cheia de bondade, assim de lhe tecerem e offerecerem, como bons filhos, com a oração do Rosario, que tanto lhe agrada, uma corôa mystica. Além d'isto, Nós conservamos e confirmamos as prescripções e os favores da santa indulgencia concedida precedentemente por este motivo. (1)

Que bello e imponente espectaculo será nas cidades, nas freguezias, nas aldeias, em terra e no mar, em toda a parte por onde se estenda o mundo catholico, que esses milhões de fleis associando os seus louvores e juntando as suas orações, com um só coração, com uma voz unanime, se reunam para saudar Maria, pedindo e esperando tudo de Maria!

Que por sua intercessão se esforcem todos os fleis, depois de haverem rogado a seu divino Filho, em implorar a volta das nações que se hão separado das instituições e principios do christianismo, que são fundamentos de salvação para os povos e manancial da verdadeira felicidade. Que por sua meditação se esforcem por obter, tanto mais quanto este é o maior de todos os bens, que a Igreja, nossa Mãe, recobre a posse da sua liberdade e possa disfructual-a em paz: liberdade que, como é sabido, não tem outro fim para a Igreja senão o de poder proporcionar aos homens os supremos bens.

Longe de ter jámais causado até agora prejuizo algum aos particulares e ás cidades, ella tem-lhes procurado em todos os tempos numerosos e insignes beneficios.

Que por meio da oração á Rainha do santissimo Rosario, Deus vos conceda, Veneraveis Irmãos, os favores dos bens celestes; que por esse meio Elle augmente e accrescente de dia para dia as forças e os soccorros que vos são necessarios para desempenhar os cargos do vosso ministerio pastoral; que a Benção Apostolica, que Nós vos

(1) Cfr. Ep. Encycl. *Supremi Apostolatus*, die 1 Sept., an. MDCCCLXXXIII; Decret. S. R. C. *Inter plurimos*, die 22 aug., an. MDCCCLXXXIV; Ep. Encycl. *Quamquam pluries*, die 15 aug., an. MDCCCLXXXIX.

(1) Hebr., V, 7.

(1) Phil., III, 20.

(2) I, Cor. XII, 25, 27.

concedemos com toda a effusão de Nossa alma, a vós, ao clero e aos povos confiados a vossos cuidados, vos sejam o augurio e penhor d'isso.

Dado em S. Pedro de Roma, aos 22 de setembro de 1891, decimo quarto anno do Nosso pontificado.

LEÃO XIII, PAPA.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Gottas de balsamo

**E**SPERAIS que Deus vos perdôe os peccados da vida passada e vos dê a sua graça e o seu amor? Bem fazeis n'isso: Deus é para nós um pae extremosissimo, que põe suas delicias em tractar-nos com bondade e misericordia. Não obstante, cumpre-vos chorar todos os dias de vossa vida, pois se Nosso Senhor quiz esquecer vossos delictos, não os deveis vós esquecer um só instante. Deveis, pelo contrario, lembrai-os com frequencia, para d'est'arte, á imitação dos sanctos nutrir em vós o espirito de penitencia e de compunção. David, embora seguro de que obtivera perdão de seu peccado, nem por isso o tinha menos diante de seus olhos. Toda a sua vida lastimou S. Pedro a negação de seu divino Mestre. Sancta Maria Magdalena, apesar de tantas graças recebidas de Jesus, chorou os desvarios de sua mocidade por trinta annos que se conservou na solidão. Sancta Thais, penitente, crendo-se indigna de pronunciar o sancto nome de Deus, não recitou durante tres annos mais que esta humilde supplica: *Vós que me creastis, tendi piedade de mim!* (1) E quando soube da bocca de S. Paulo, o simples, que Nosso Senhor lhe tinha perdoado, não interrompeu seu choro, lastimando-se até á hora da morte.

Imitai estes exemplos: não deixeis passar um dia sem vos intristecer por vossas ingratições, commettidas contra aquelle senhor que de vós tem feito o objecto de tantos beneficios.

## SECÇÃO CRITICA

### O PAPA

**Q**UEM é o Papa, esse octogenario encarcerado sob as abobadas do Vaticano, sustentando-se com uma coragem sem igual no mundo contra embates violentos e continuos, como um promontorio que desdenha os va-

(1) Qui plamasti me, miserere mei.

galhões a quebrarem-se-lhe no sobrepé e as tempestades que remoinham bramindo sobre a fronte magestosa? Quem é elle, para que hoje, assim, por sua causa, o mundo se divida em dois campos oppostos, resolutos um a odial-o de morte, outro a presal-o, a querel-o, a defendel-o como se fôra o mesmo Christo?

Quem é elle?

Merecerá por ventura o degladiamento da humanidade inteira, que em vez de se ajudar, se colloca em duas facções, prestes, quem sabe! a destruírem-se como uma mão que decepa a outra mão?

Quem é o Papa?

O Papa é o padre dos padres, o bispo e principe dos bispos, o pastor dos pastores, o herdeiro dos Apostolos, o primaz da Italia, o bispo de Roma, o Patriarcha do Occidente, o Vigario de Deus, o Christo na terra.

Vigario de Deus, exerce um poder que não é contido nas potencias essenciaes do episcopado, e não faz mais que uma pessoa hierarchica com Aquelle a quem representa.

Christo na terra, é o *caminho, a verdade e a vida*, como a si Christo se definiu. «E' o caminho, diz Calhiat, por que é preciso segui-o para attingir o eterno destino; é o pastor das almas. empenhado em conduzi-las ao céu pelas veredas da virtude.

E quem nos ensina a virtude? O padre. E d'onde vem ao padre o segredo da virtude? Do bispo. Por longos annos estudou o padre a virtude no recolhimento, e um dia, humilhado sob a mão do Pontifice que consagra os homens e as aras, levantou-se triumphante, dizendo:

«Tenho o grande segredo de conduzir as almas á virtude, á sanctidade, ao céu.»

Esse segredo lh'o communicou o bispo. Mas d'onde o obteve o bispo? Do Papa, a quem Nosso Senhor disse: «Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas,» isto é, os meus fleis e os meus pastores;—do Papa, a quem disse igualmente: «Eu te darei as chaves do reino dos céos para tu o abrires e fechares como julgares conveniente e justo.

E' pois mister, continúa o mesmo auctor, passar pelo Papa para ir-se a Deus. O Papa é o *caminho*, e se elle é o caminho, é o Christo.

Elle é a *verdade*, que nos esclarece sobre o nosso destino, e por este titulo é o Mestre infallivel das almas.

«A quem iremos nós? diziam os Apostolos a Nosso Senhor, só vós tendes as palavras da vida eterna.» Outro tanto podemos nós dizer do Papa. A quem iremos, senão a elle? Só elle é a verdade sem sombras de erro; só elle o

doutor infallivel. Como Jesus Christo, pode affirmar: «*Ego sum veritas.*» E afóra elle, no mundo, a ninguem pertence pronunciar esta audaciosa palavra.

Lisongéem-se os protestantes de possuir algumas parcellas do dogma catholico, alguns vestigios de verdade; nenhum, todavia, de seus ministros pode proferir: «*Eu sou a verdade.*» Como os verdugos do Salvador, que lançaram sortes sobre a tunica inconsutil, sortearam tambem a doutrina evangelica, levando cada um o seu retalho. São como esses marinheiros que revoltados contra o piloto, crendo melhor dirigir o rumo, lançam ao mar os bastes, e n'elles se confiam á mercê das ondas, sem bussola nem leme, expostos a todos os temporaes, e vendo a náu possante proseguir, sem um instante perder a verdadeira róta. Por isso, ha tres seculos, vogam miseravelmente a todo o vento da doutrina.

A elles como a nós, o Pontifice maximo, piloto da grande náu que transporta para o céu as nossas almas e os nossos destinos, diz, na calmaria ou na tormenta: «Eu sou a verdade; eu sou o mestre infallivel.»

Elle accrescenta ainda: «Eu sou a vida.» O Papa é a vida, que nos dá a força sobrenatural, por cujo titulo se torna o pastor supremo das almas.

Um poeta arabe, estando para morrer, chamou os herdeiros e distribuiu por elles os bens que tinha. Entre os herdeiros havia um sobrinho que recebeu como os demais a sua parte da herança, mas além d'isso obteve um privilegio particular. O poeta disse-lhe: «A ti, meu filho, deixo o meu sópro, a minha inspiração, o meu segredo—a poesia. A ninguem mais que a ti será dado arrancar do alaude notas melodiosas que levem a coragem á alma de teus irmãos na vespera das batalhas.»

Da igual modo procedeu o Filho de Deus: a todos os Apostolos confiou missão igual, a todos ordenou: «Ide, ensinai as nações.» Mas foi só a Pedro que elle disse: «Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja.» A elle e a mais ninguem legou o sópro da vida christã, a grande poesia do Christianismo, as chaves do reino do céu. Pedro recebeu todas as prerogativas que tiveram seus companheiros de apostolado, e sobre ellas especiaes privilegios a mais ninguem concedidos. Elle tem um poder de honra e jurisdicção sobre as almas: sem dependencia de ninguem n'este mundo, todos, todos sem excepção, dependem d'elle pelo que toca ao espirital. Ninguem o pode julgar, punir ou depor; tudo poderá na Igreja pender de sua auctoridade e nada sem elle se pode fazer.

Vedes no alto das montanhas uma

d'essas magestosas cascatas, precipitadas ruidosamente no seio dos valles, dando origem a duas, tres e quatro ribeiras, que ás planuras dos contornos vão levar a belleza e a fecundidade?

Essa é a imagem d'aquella nascente fertilisadora, derivada da montanha do Vaticano, que, nas varias dioceses da Igreja, alimenta os rios da fecundidade religiosa.

O Papa é portanto a vida das almas, e por esse titulo o seu pontífice supremo. A toda a alma que apparece n'este mundo, a toda a creatura peregrina sobre a terra, tem o direito de dizer-lhe: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida.»—«Consequentemente, com ou sem vontade disse Thiers, ha que soffrer-se a supremacia do Papa.» «O Papa é o Christo na terra»—eis o brado da Igreja, a affirmação ininterrupta da historia. Com verdade, pois, é dado ao Papa dizer como Christo:

QUEM NÃO É POR MIM É CONTRA MIM  
A.

## A educação e os exames officiaes

(Continuado do n.º 17)

«Não se o ensino mas não se lançem peias no estudo.»

(Relatorio do conselho do lyceu nacional de Lisboa em 1869.)

DESDE que o mundo é mundo uma das lograções mais colossaes de que a pobre humanidade tem sido victima é por sem duvida a que resulta do *liberalismo*, systema philosophico tam radicalmente falso, que dá em suas consequencias precisamente o contrario do que promette. «Apresentai-me, dizia Donoso Cortez, um principio qualquer do credo liberal e comprometto-me a provar-vos serem as suas consequencias diametralmente oppostas á significação apparente dos terminos. Reclama o *liberalismo* a liberdade absoluta e omnimoda: é até este o seu principio fundamental e o característico particular. Pois bem; desataviado dos europeis brilhantes que lhe encobrem a hidiondez, e compellido como Proteu a patentear após innumeradas transformações a sua face repellente, o *liberalismo* revela-se-nos assim qual é na realidade... O que? Quem o suspeitára! a theoria do *despotismo puro*.

«Dir-se-ia á primeira vista que a doutrina da autonomia ou independencia da consciencia humana emancipa o homem; succede porem, em pratica, exactamente o contrario. O racionalismo, bem como o seu filho legitimo o libe-

ralismo, levam forçosamente á escravidão». (1)

Com effeito excluindo Deus e a Igreja, representante do direito divino na terra, e estabelecendo-se como principio fundamental a soberania absoluta da razão, o liberalismo priva o homem de todos os meios de defesa contra os imprehndimentos injustos do Estado. Muito superior de facto á razão individual, particulazinha quasi que imperceptivel da força racional immanente na humanidade, é a *razão geral*, que tem o seu orgão no Estado, foco luminoso onde pela concentração de todos os raios d'essa luz divina se forma o sol esplendoroso do mundo dos espiritos. Da diversidade e confusão dos pensamentos individuaes nasce o pensamento superior, que encarnando no Estado fica sendo a expressão mais sublimada e divina da verdade e da justiça. Segundo esta theoria, o Estado é dotado de infallibilidade, n'uma palavra, substituindo a Deus, acha-se *ipso facto* revestido de todos os attributos da divindade; é, segundo Hegel, o Deus presente a quem os individuos, átomos impponderaveis, devem sujeição absoluta e obediencia incondicional. — *adoração*: eis succintamente formulada a doutrina da *Estado latría*.

Onde encontrar o individuo um amparo para escudar e defender a sua liberdade? fóra do Estado e de si-mesmo nada existe, e o Estado tudo absorve, tudo domina pelo direito da razão soberana, assim como a massa cósmica absorve e domina no seu todo imenso o átomo imperceptivel.

Onde quer que prevaleceram os principios da razão pura como fonte exclusiva e regra suprema da politica, allí vigorará sempre o *despotismo* intransigente e feroz. Para comprovarmos esta affirmação ser-nos-ia preciso escrever um tratado; por agora bastará citar os dois philosophos mais insignes da antiguidade: Platão e Aristoteles. Ora, é bem sabido que ambos, o primeiro na *Republica* e o segundo na *Politica* pantam pelo mais apautado dos *despotismos* a organização da sociedade. Para estes legisladores «a politica é a sciencia soberana—as familias e os individuos estão no Estado como as partes no todo.»

Não se pode duvidar que o Estado seja superior á familia e ao individuo, por isso que o todo prevalece necessariamente sobre a parte; portanto, bens, filhos, a propria vida do cidadão, tanto na ordem moral como na physica, estão á mercê do Estado.—A educação pende do Estado, que digo? é ao Estado que pertence fixar a idade da

união conjugal e a epocha em que deve terminar a procreação de filhos!!! Com toda a razão Mr. Fustel de Coulanges pôde escrever: «Entre os antigos nada havia no homem que fosse independente, sendo o corpo e a alma do cidadão considerados como bens do Estado.

De todos os erros humanos um dos mais extraordinarios e crassos é o julgar-se que nos Estados antigos o homem gozava da liberdade; a verdade é que nem sequer fazia idéa d'ella.» (1) Despotico foi o governo em Roma, assim durante a Republica como no tempo do Imperio; a unica differença é que no primeiro caso o despota era uma oligarchia prepotente, e no segundo um tyranno ambicioso e cruel. A verdadeira liberdade é filha do christianismo; o seu berço foi o madeiro ensanguentado da cruz do Deus Salvador.

Nos nossos dias, com a negação do direito divino resurge na eschola liberal o despotismo pagão, e debaixo do nome de liberdade democratica, soberania do povo e suffragio universal, encontramos por toda a parte a omnipotencia da vontade geral, que faz do Estado um Deus e dos subditos escravos e victimas. Que vem a ser o *Contracto social* de Jean-Jaques Rousseau, oraculo sempre aucorizado do liberalismo e doutor supremo de todas as seitas revolucionarias? é pura e simplesmente a theoria politica do paganismo antigo: «a soberania é meramente o exercicio da vontade geral... a vontade geral é sempre recta, santa e justa... o pacto social dá ao corpo politico um *poder absoluto* sobre todos os subditos etc...»

D'esta theoria do despotismo mais ou menos disfarçado todas as seitas liberaes, não menos que o paganismo, deduziram o direito attribuido ao Estado, de educar a mocidade com o intuito, disse Thiers, de vasar nos mesmos moldes todos os christãos, reduzir a um typo commum.

Um passo decisivo no caminho do despotismo é com certeza o monopolio do ensino que confere ao Estado a posse das almas.

As diversas seitas liberaes, seja qual fóer o seu matiz, incolores ou vermelhas, todas reveindicam para o estado esse monopolio como direito imprescindivel. A questão do ensino é effectivamente questão de vida e de morte, e hoje está travada nas escholas a lucta que ha de decidir acerca do futuro da sociedade. «Conceda-se aos catholicos, escrevia ultimamente o intrepido Bispo de Grenoble Mgr. Fava, o monopolio do ensino e dentro de poucos annos teremos uma geração morigerada, crente

(1) *Les lois de la société chrétienne*, par Charles Périn—Liv. I, pag. 60.

(1) *La cité antique*—Liv. III ch. XVII.



e piedosa.» *Le Siècle*, coryphéu da laicalização em França, dizia por seu lado serem bastantes *cinco annos* d'ensino leigo ou atheu para confirmar no livre pensamento a sociedade futura.

Consta nos de fonte limpa, que dando ha dias audiência á Commissão do Congresso bracaraense, que lhe fóra deputada para communicar-lhe as decisões e votos d'essa nobre assemblea, o ministro do reino, ao ouvir formular a clausula que reconhece aos parochos o direito e obrigação de vigiar e superintender o ensino das escholas nas suas freguezias, atalhou seccamente o leitor e exprimiu uma denegação formal e categorica. Neste particular o liberalismo sera sempre intransigente.

Emquanto não pode realizar plena e integralmente o seu programma, por isso que os povos, filhos do christianismo não estão por ora assás degenerados para supportar tamanho despotismo, o liberalismo vai preparando o terreno por todos os meios ao seu alcance: fundação das escholas normaes, viveiros de professores vasados nos moldes da *idea nova*; exigencia de *concursos* como habilitação indispensavel para o ensino; exames officiaes obrigatorios para obter qualquer emprego publico e, enfim, mil obstaculos e péas ao ensino livre.

O Estado mestre-eschola! O Estado dispensador de diplomas! que aberração descommunal! «Tenho-o repetido vinte vezes aos meus contemporaneos e nem uma só vez se me deparou uma refutação, escreve Mgr. Freppel: a funcção educadora não faz parte das attribuições do Estado, que é um poder governativo e não uma corporação scientifica (1).» Outorguem diplomas de saber e capacidade as academias, as universidades, as agremiações sabias, etc... muito bem; mas que o Estado com o mesmo no-gento carimbo com que auctoris a circulação das saccas de café ou fardos d'algodão e bacalhau queira dar valia e realce ao saber humano, é na verdade pretensão estupenda e para a sciencia um labeu, um opprobrio, quasi que diriamos, uma borradura odiosissima e infamante.

Todavia ha entre suppostos sabios quem deseje o carimbo. Que digo? ha quem brade pelo carimbo como os Judeus pelo Messias; ha quem professe o culto do carimbo. Para esses taes sem o carimbo não ha saber verdadeiro, não ha professores competentes e merecedores de confiança: n'uma palavra, sem o carimbo do concurso official não pode haver progresso nem salvação.

Que significa porém o concurso? Mero

plagiato d'uma instituição chineza pouco significa attendendo, sobretudo, ao methodo ou antes aos methodos porque se tem feito até aqui. Vejamos o que pensa a respeito do concurso um escriptor insuspeito «Tomar o concurso á chineza como unico metro de capacidade será o melhor methodo? A avaliação da capacidade intellectual obtem-se (demos que se obtenha): mas obter-se ha a avaliação dos meritos correlativos indispensaveis, de caracter, educação moral, dignidade? A concorrência franca de todos a tudo apenas regularizada pelo concurso, não deixaria de parte tantos valores necessarios para apreciar só o intellectual? E ignora porventura alguém que a subalternização do *character* vem com o tempo a inluir na propria intelligencia d'uma nação?» (Oliveira Martins *Portugal Contemporaneo*, 1.º vol. pag. 422).

A verdade é que o concurso á chineza é uma instituição corruptora e funesta, como a experiencia já o tem demonstrado e concluiremos dizendo: a Igreja civilisou, ennobreceu, n'uma palavra christianisou a humanidade baptizando-a; o liberalismo, porem, embrutece, avilta, n'uma palavra cretinisa a mesma humanidade carimbando-a.

(Continua)

*O ex-alumno do lyceu J. A. R.*

## Uma esmola por amor de Deus

*Sr. Redactor:*

**N**A impulsos do coração a que se não pôde resistir!... e eu, apelar de já ter contribuido para a subscrição, aborta em outras redacções, a favor das heroicas Irmãs Hospitaleiras, ainda vou apresentar o meu pequenino obulo para juntar ao d'aquelles que vão attender á supplica feita, n'esse sympathico jornal, pelas benemeritas filhas do glorioso Patriarcha d'Assis.

Será raro encontrar corações tão duros que possam tornar-se insensiveis ás supplicas d'essas humildes filhas do Christianismo! A veneravel Superiora Geral deve ser attendida pelos verdadeiros catholicos portuguezes e eu creio que o será. Trata se d'uma guerra verdadeiramente religiosa e os catholicos, *de acção*, devem sahir a campo....

E' pequena a quantia que envio, porque mais o não permitem minhas forças; no entanto estou convicto que Deus não deixará sem recompensa esta manifestação-protesto contra esses infames que, com suas calumnias, jul-

gam desacreditar uma mimosa vergon-tea do Christianismo; e, com ella, a sublime religião de Jesus!...

Como se enganam!

Cégos e infelizes que elles são! Os planos maçonicos, alliados com a jacobinagem republicueira, são já de mais conhecidos. Contudo seus miseraveis factores, acostumados a tramar nas trevas, não vêem uma formidavel derrota onde esperavam um completo triumpho! Pobres cégo!

A campanha está começada... o caso das Trinas será um triumpho para a religião, porque os seus inimigos serão confundidos: ávante pois! e á heroica Irmã Collecta recomendarêmos sempre—coragem para o martyrio!

*D. P. Dias Ribeiro.*

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Os pobres no inverno

(Vid. p. 251)

Infeliz mãe!

Aperta contra o seio o filhinho que estremece de frio e fome. Os dois maiores olham pela janella a ver se no angulo da rua descobrem o pae ha muito ido para a praça a vender os ultimos utensilios.

O trabalho escasseou; o pão subiu no preço; o feitor insta se pague a renda vencida ha cinco semanas; o taberneiro da esquina recusa-se a dar flado; a hora do almoço vai já longe, sem que se accenda o lume, que falta a lenha e o carvão, e a arca ha muito se acha de todo vazia.

Na atmosphera d'aquella morada de angustias paira agora sinistramente o espectro hediondo da fome, apertando nas garras inexoraveis a garganta lir-ta e fria de cinco creaturinhas de Deus, não só obras primas da natureza, como intendia Platão, mas seres nobilissimos, pouco inferiores aos Anjos, com alma sobre que se derramou o sangue do Redemptor, alma consagrada e sanctificada para ser templo de Deus! Cinco descendentes do pae commum, cinco membros da humanidade, vindos ao banquete da vida como o milionario que lhes mora defronte!

O quadro é contemporaneo: representa um drama da actualidade, repetido mil vezes, nas cidades, nas villas, nas aldeas. Por isso nos contrastam profundamente as impressões dolorosas que nos desperta! As agonias alli produzidas sobem ao céu pedindo justiça contra tantas mulheres e tantos homens, que nos theatros, nos bailes, no luxo, na mesa, nos prazeres criminosos e nos prazeres dispensaveis, gastam

(1) *La Révolution*, pag. 121.



POBRES NO INVERNO

quanto levaria o conforto a uma familia, a muitas familias de infelizes.

Leitor, leitora piedosa, corrige quanto possas estas anomalias sociaes, e vai, agora que o inverno traz o lucto á morada do pobresinho, levar-lhe a consolação que obtinhas do teu superfluo ou do teu sacrificio.

R.

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«*Combate espiritual*—pelo V. Padre D. Lourenço Scupoli, clérigo regular. versão portugueza pelo Padre D. Thomaz Bequeman, Preposito da Casa da Divina Providencia—Livraria Catholica Portuense de Manuel Malheiro, rua da Picaria, 85—Ponro—Um grosso volume—600 reis.» Muitos livros de notavel merccimento hemos nas paginas d'esta religiosa Revista recommendado ao zelo e piedade de seus leitores; nenhuma porém de tanto interesse, tanta utilidade, tanta perfeição, como a de que hoje tractamos, cuja publicação é um dos mais prestimosos serviços que o piedoso editor se digna prestar ao povo portuguez.

Não é novo o livro. Ha dois seculos que esta obra notavel é pão substancial das almas escolhidas, fortalecendo-as para a lucta continuamente sustentada contra o mundo, o diabo e a carne. Após a *Imitação de Christo*, outra não conhecemos que melhor concesso mereça dos entendidos. S. Francisco de Sales tinha o no mais subido apreço «Lede e tornai a ler o *Combate Espiritual*. Este ha de ser o vosso livro querido; elle é claro e todo praticavel. E' por certo um grande livro; ha quinze annos que o trago na algibeira, e não o leiu vez alguma que me não aproveite.» Assim falava o Sancto, cuja opinião vemos acompanhada pela de mui doutos e virtuosos prelados.

Sem discutirmos aqui se o auctor d'esta obra-prima é o italiano D. Lourenço Scupoli ou o Padre Castañoz, monge benedictino hespanhol, como quer o bispo d'Orense D. Cesario Rodrigo, affirmamos que na bibliotheca de todas as familias christãs merece um logar distincto o volume de que nos occupamos.

A impressão é muito nitida e correctamente revista, o que infelizmente nem sempre acontece com as obras de assumptos piedosos.

«*Os Admiradores da Lua*, por Leo Taxil e Tony Gall.—Vai em via de conclusão esta obra curiosissima, onde magistralmente se revelam as tramas da maçonaria, seita nefasta que por tanto tempo ha sido o açoute da humanidade inteira e sel-o-á talvez ainda

por largo espaço. Leiam-se, leiam-se os *Admiradores da Lua*, e ver-se-á que a ruina de muitas fortunas, a deshonra de muitas familias, o transtorno de muitas vidas, nasce das satanicas deliberações praticas nas *lojas*. O inimigo mais terrivel existe a nosso lado, talvez em nossa casa, e importa conhecê-lo bem para melhor poder evitar se. E' editor d'esta notavel obra o sr. Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 113—PONRO.

## SECÇÃO NECROLOGICA



Em Manteigas falleceu o sr. Antonio C. Rabaça Senior, pae do nosso prezado Assignante o Rev. Padre José Rabaça de Carvalho. Pelas nobres qualidades que lhe enfloravam a ancenidade lembrava um dos patriarchas da antiga lei; bom catholico e portuguez ás direitas, sentia abrazada a alma pela chamma purissima da fé, que o alumiou na hora extrema para pre-munir-se de todos os sacramentos na viagem do tempo á eternidade.

—Em Alvites (Mirandella) falleceu o nosso antigo Assignante, o Rev. Arcy preste Padre Francisco Manuel de Moraes. Cinco longos mezes de enfermidade, que lhe foram doloroso purgatorio, levou os christãmente resignado, invocando a cada instante o nome de Jesus, nome dóce e delectavel, nome que dá conforto, nome que lhe foi sello sobre os labios ao soltar o ultimo alento.

Aos piedosos leitores imploramos suas orações por irmãos nossos que nos precederam no tribunal de Deus.

D. P.

Quando á campã desce um lirio,  
Um anjo sobe ao Empyreo;  
Porque o 'Todo Poderoso  
Recompensa o virtuoso.

Acaba de ser arrebatada aos carinhosos braços dos Ex.<sup>mas</sup> Srs. José de Mello Freire, D. Anna Augusta d'Abreu e Mello, Paschoal José de Mello Freire, D. Emilia Augusta de Mello Freire, Padre Abilio João de Mello Freire e D. Ermelinda de Mello Freire, D. Adelaide Augusta de Mello Freire, filha dos primeiros, irmã dos segundos e sobrinha dos ultimos, do lugar d'Almofalla de Cima, freguezia d'Aguda, concelho de Figueiró dos Vinhos.

Não exalçaremos, como é praxe, a bondade d'aquella que Deus foi ser-

vido chamar a si, por dois motivos: 1.º porque o mesmo Deus, sempre insondavel nos seus altos designios, parece comtudo ás vezes dizer nos que chama os bons para que não tenham occasião de se fazer maus, e que deixa os maus para que tenham tempo d'arrepender-se: 2.º porque, além d'outras virtudes que a exornavam, todas subordinadas, por assim dizer, á primeira ou ao temor de Deus, inupta como a mais inupta, tal foi a sua vida d'ingenua e sempre pura alegria, tal foi a sua morte angelica, expirando a 19 do corrente, no fim de 25 dias d'interruptos e duros soffrimentos, sem que ninguem lhe ouvisse a mais leve queixa... aos 26 annos d'idade!

Os nossos sentidissimos pezames a sua illustre familia, por na joven leitora do «Progresso Catholico» se lhe haver apagado—na terra—um dos mais bellos lumes da sua nobre casa.

Pedimos um P. N. por sua alma.

A. Alves d'Almeida.

## SECÇÃO LITTERARIA

### O dia de finados

N'este dia, todo lugubre,  
juncto da cruz ajoelhados,  
por os que estão sepultados  
oremos com devoção!  
A santa Igreja convida nos  
a entrarmos hoje no templo!  
Nas suas preces exemplo  
dá hoje a todo o christão!

Hoje, muitos vertem lagrimas,  
porque recordam o dia  
d'aquella triste agonia  
dos que a morte arrebatou.  
Por elles humildes supplicas  
aos céus elevar devemos.  
—Hoje todos recordemos  
quem na vida nos prezou!—

Aquelle som melancolico  
dos sinos, que estão dobrando,  
aos christãos está lembrando,  
que hoje é dia de oração!  
Os psalms, os tristes canticos,  
a eça, a cruz asteada,  
tudo nos diz: «Vós sois nada»!  
Tudo inspira devoção!..

Oremos, irmãos, lembrando nos  
que um dia (talvez em brevel)  
alguem por nós orar deve,  
como nós vamos orar!  
Esta vida é transitoria!  
E' de prantos um deserto!  
Que a eternidade está perto,  
sempre nos deve lembrar!



Aqui vê-se triste e pallida,  
orando, uma esposa terna,  
anhelando a vida eterna  
ao que fôra esposo seu!  
—Alem um filho ternissimo  
pelos paes está orando.  
—Acolá, um pae chorando  
pelos filhos que perdeu,—

Vê-se alem perto d'um tumulo,  
inclinada, como a rosa,  
uma donzella chorosa,  
supplicando pelo irmão!  
Por uma irmã difectissima  
verte um irmão triste pranto  
e aos céus eleva no emtanto  
uma fervente oração!!

A santa Egreja recorda nos  
esse tristissimo dia  
de prantos, dor e agonia,  
de confusão e de horror,  
em que um som terrivel, horrido,  
removendo as sepulturas,  
chamará as creaturas  
à presença do Senhor!!

—Os peccados perdoando nos,  
mostra, ó Deus, tua bondade,  
e os erros da mocidade  
nos perdôa, ó bom Jesus!  
N'aquelle dia recorda-te  
que ao mundo por nós desceste  
e que por todos morreste  
no duro lenho da cruz!

(Aveiro, novembro—2)

Rangel de Quadros.

## SECÇÃO DE COMMUNICADOS

### A imprensa catholica

Sr. Redactor:—Já que o digno Administrador do *Progresso Catholico* se lembrou de mandar o meu humilde nome aos quatro ventos, dê-me V. licença que elle continue aureolado por essa honra que eu não queria, mas que acceito agora corajosamente. Nunca imaginei que os meus chronicos descuidados fossem causa de damno para a empreza, aliás tel-os-ia evitado com rigoroso escrupulo. Creia pois V. que em mim não houve culpa, senão erro, ácerca do qual me abriu os olhos a muita paciencia do bom Administrador, a quem, para consolação e penitencia minha, tributo aqui meu profundo reconhecimento.

Tem razão a empreza.

Entendia eu casmurramente que UMA assignatura atrasada era uma quantidade desprezível no balanço d'uma empreza que dispende talvez mais de dois contos de reis annuaes, sustentados por uma receita igual ou superior.

Sem duvida, oitocentos reis, uns me-quinhos oitocentos reis, que pêsso fariam no indispensavel equilibrio do *Deve e Hade haver?* Accudiu á minha obcecação o Administrador, perguntando-me «se um credor devendo-me mil reis, venciveis em janciro, m'os pagasse d'oze mezes depois, era isso motivo para me «lligir.» Respondi-lhe logo que não; que era um successo indigno de reparo; que a esse credor, não o suppondo caloteiro, diria até que socegasse, que havia tempo, que não era tal a quantia que fizesse falta.

O Administrador retrocou-me de prompto: «Mas se em logar de um credor tivesseis quinhentos? ou mil? ou dois mil... aposto que a todos dava equal resposta, hein!»

Aqui a alma cabiu-me aos pés. Nunca d'isto me lembrei. E' verdade: mil credores d'esta raça, com doze mezes de atraso, causavam um damno de cincoenta, sessenta ou cem mil reis, conforme o emprego que eu dêsse ao capital. E eu que me prezo de exacto no cumprimento dos meus deveres, tenho, segundo colligo da carla que vejo deante de mim, mais de mil companheiros d'esta natureza (1), mais de mil que guardam no bolso uma diminuta quantia que nada lhes rende, que já não é d'elles, retendo a com prejuizo grave d'uma causa catholica, devotada com sacrificio intenso e perenne á defeza da verdade, ao bem da Egreja, ao bem de todos nós. Por vezes julguei os gerentes do *Progresso* pouco fortes em delicadeza quando requeriam os pagamentos; mas nós os assignantes é que eramos pouco fortes em pontualidade.

Mas, infelizmente, não pára aqui o mal que tenho feito. Eu pago tarde, mas pago, e n'esta data, sr. Redactor, envio á Administração 1\$000 reis em notas de banco, pois quero desde já, n'este mesmo anno, entregar os vinte e cinco por cento, indicados aos retardatarios do anno futuro. Sim, eu pago: lá negar o jornal a quem trabalha Deus me livrara; mas é que a inconveniencia de pagar tarde, proporciona aos pedantes e aos caloteiros honrarem-se com a assignatura d'um jornal catholico para no fim se despedirem em *la tim*, como se diz. Ora, incluidos n'esta negra conta ha quatro ou seis duzias, quando não sejam mais. Pelo que vejo, os assignantes que se descuidam no pagamento, além de serem réus d'um

(1) Assim era ainda ha pouco tempo. Está porém hoje assás reduzido o numero dos que não pagaram, aos quaes pedimos se apressem a saldar contas. Para consôlo, alguns assignantes ha que pagam no principio, adiantando dois ou tres annos! Entre os espinhos apparecem-nos algumas flores. Graças a Nosso Senhor.

prejuizo directo, causam um prejuizo indirecto constituindo-se... capa de... não quero dizer o nome.

Sr. Redactor: eu imploro todas as desculpas possiveis.

Para mim, sr. Redactor, uma vez a Cascaes...

Como catholico sei que me cumpre, em obediencia ás ordens do soberano Pontifice, auxiliar quanto em mim possa a boa imprensa, e tento-a auxiliando: em minha casa não se admite publicação nenhuma liberal ou maçonica, que tanto vale, mas uma meia duzia das de pura doutrina. Conheço agora (e pena é que seja só agora) que sem maior sacrificio a posso auxiliar mais, fazendo meus pagamentos no principio de cada anno. Para futuro nenhum cavalheiro de industria, dos quaes já se queixava o sempre lembrado redactor do *Bem Publico*, terá o atrevimento de forçar o cofre d'uma empreza catholica com gazua que eu lhe forneça. O bem para ser bem, quando o fizermos ha de fazer-se perfeito. E para bem pensar n'isto, foi mister que eu chegasse aos meus 79 concluidos. E' tanta a facilidade de pagar, ou em notas, ou em vales, ou em estampilhas do correio... quem não paga, é quem não quer, isto é claro; nem mesmo ha necessidade de correspondentes nos varios pontos do reino.

Sr. Redactor: consinta V. que este meu humilde escripto seja publicado na sua Revista, e determine me seja mandada a conta da despeza que com elle se faça. Eu espero que as minhas palavras hão de fazer algum bem, não só ao *Progresso Catholico*, mas ao *Mensageiro*, á *Nação*, á *Palavra*, á *Ordem*, á imprensa catholica toda, vista a convicção que tenho de que muita gente, como commigo acontecia, nem se lembra de que faz mal pagar atrasado. A mim não me lembrava; confesso francamente a minha innocencia. Foi necessario exceder-me duas vezes com o digno Administrador para cabir em mim, mas cabi por uma vez. Se até aqui tenho tido minha paixão pela imprensa catholica, vou amala ainda mais, e já n'esta data envio indicação de 5 novas assignaturas para o anno proximo. Aos quatro primeiros assignantes queira porém mandar desde o n.º 16, pois desejam conhecer a *Perfidia do demagogo* elogiada no n.º 20. Vão mais dois lostões de cada um para este excesso. Seja V. indulgente commigo por esta rude massada e saiba que sou

De V. etc.

5—10—91.

José Jeronymo R. Pires Graça.

N. da A.

## RETROSPECTO

## Chronica

*Portugal.*—A fundação do seminario portuguez em Roma cremos não ser assumpto esquecido na mente d'aquelles que para ella podem conceber. Para que hoje appareça dignamente o clero no meio d'esta sociedade herpetica, é mister procurar a virtude e a disciplina nos mananciaes incorruptos. Se hoje os varios seminarios do reino vão soffrendo uma transformação consoladora, os estudos mais elevados da sagrada Theologia, pelo centro de impiedade e devassidão onde se encontram, serão edoneos para sanctos, mas não para homens, e força é confessar que os sanctos em todos os seculos raréam. Alguem, talvez menos mal impressionado que nós, affirme que a theologia n'aquelle meio é o unico sal que o conserva.

Será.

Parece-nos porém que ao tal meio já não ha sal bastante que lhe detenha a corrupção. Demais, disse um escriptor nosso, uma gotta d'agua n'um copo de tinta não lhe faz menor a negrura.

Venha pois o seminario romano d'uma urgente necessidade na epocha presente.

Outra consolação, e esta produzida por um acto do governo, foi a nomeação do D. Prior e conegos da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, um dos monumentos mais confirmativos da piedade dos nossos reis e da fé do nosso povo. Entre os novos continuadores da secular instituição ha intelligencias de primeira ordem e caracteres nobilissimos, abonadores seguros d'um auspicioso futuro.

Os nomeados foram: D. Prior, o rev. dr. José d'Andrade Sequeira; conegos, os rev. drs. Manuel de Albuquerque, Antonio Julio de Miranda, Pedro Gonçalves Sanches e Manuel Moreira Junior, e os rev. Manuel José da Silva Bacellar, Alberto da Silva Vasconcellos e José Maria Gomes.

*França.*—O ministro dos cultos, recebendo ordens do mesmo antro em que se determinaram os motins de Roma, enviou, como no antecedente n.º dissemos, uma circular despolitica aos prelados, impedindo lhes associarem-se ás peregrinações. Os dignos antistites responderam ao repto ministerial com a hombridade condigna de principes da Igreja. A sua linguagem não foi «violenta», como, em harmonia com sua educação, calunniaram os jornaes do liberalismo; a linguagem dos prelados foi simplesmente nobre, despida de

mêdos, e nada mais. Quizeramos transcrever aqui, na sua integra, todas as cartas dos Apostolos contemporaneos, redigidas sob o salutar influxo das palavras evangelicas—*mais importa obedecer a Deus que aos homens.* Mas nos é vedada a realisação de nosso desejo pelo reduzido espaço que nos é concedido. Transcrevamos apenas alguns trechos da carta do illustre Arcebispo d'Aix, cuja enrgia revela claramente que não tendo elle por si mais que a força moral, essa força moral ha de esleitar-se n'um Deus que existe. Depois de afirmar a boa ordem, rigorosamente observada pelos seus 541 diocesanos, observa:

«N'estas condições, sr. ministro, não vejo porque nos convidais a não nos comprometermos em manifestações que podem, dizeis, perder facilmente o seu caracter religioso. Estas peregrinações conservaram sempre tal caracter, e não o perderam por culpa dos peregrinos. Desnecessario nos era o vosso convite, tanto pelo passado como pelo presente e nada vos auctoriza a fazel-o para o futuro. Demais, sr. ministro, nós sabemos conduzir nos.»

Evidencia o intrepido arcebispo o insulto feito á França com os escandalos do Pantheon; que as palavras—*Viva o Papa!*—jamais podiam motivar os excessos praticados n'uma cidade *da que o Papa era o senhor*; que, demais a mais, ninguem provou fossem taes palavras obra d'um peregrino; que o governo francez procedeu cobardemente perante o governo italiano, a quem não havia desculpas nem agradecimentos a prestar; finalmente que os peregrinos, apezar de selvagemmente insultados, conservarem estremada serenidade, mostrando quanto por suas virtudes christãs eram capazes de a si mesmos se vencer. «Fazeis-nos a honra, sr. ministro, conclue o prelado, de nos dizer que possuímos o sentimento dos interesses da nação. Sim, possuímol-o profundamente enraizado em nossa alma, porque o haurimos d'uma fonte onde elle é sempre puro, onde jamais soffre adulteração. Indo a Roma, reavivamol-o aos pés do grande Papa, heroica victima da Revolução, que nos falou da França catholica em termos que, a ser possivel, mais nol-a fariam amar, e regressamos mais orgulhosos de ser seus filhos. A mim me disse palavras inolvidaveis com respeito ao meu paiz.

«E eis porque estamos humilhados pelos deploraveis acontecimentos que se passam em Italia e em França, onde os que mandam não perdem o menor ensejo de insultar essa religião catholica que fez a Italia e a França. A paz está alguma vez em vossos labios, mas o odio e a perseguição transparecem

sempre nos actos. porque a maçonaria, filha primogenita de Satanaz, é quem governa e manda: mil vezes cego voluntario é quem não vê que assim é. «Por mim, sinto-me vivamente ferido na minha dignidade de francez, de catholico e de bispo.

«Recebei, sr. ministro, a certeza de meu respeito, etc.»

Paremos.

Palavras assim parecem de Paulo ou Athanasio. Nada mais que ellas se torna necessario para manifestar o caracter intemerato do in-igne prelado. Pois a flava annuncia nos: «Monsenhor Gouthé Soulard, arcebispo d'Aix, tendo escripto ao sr. Falliers, ministro da justiça e dos cultos, «que não fazia caso da sua circular ácerca das romagens ao Vaticano», será chamado a responder perante o tribunal correccional do Sena.»

D-via ser assim: a palma dos martyres é o melhor distinctivo das almas heroicamente christãs. Entra no periodo mais violento a perseguição? E' que se mostram já os primeiros alvares do triumpho da Igreja. «A França não percerá no meio das suas mais terriveis provas, havia dicto Pio IX; Deus tem grandes designios sobre ella e ella ha de ser sempre o mais firme sustentaculo da Igreja.» Nós estamos pelas palavras propheticas do sancto Pontifice: esperemos o fim.

O digno prelado recebeu do Sancto Padre uma carta paternalmente consoladora, e tem sido complimentado por grande numero de collegas, magistrados e homens politicos, entre os quaes o sr. Andrieux, procurador da republica em 70, atheu na camara em 72, prefeito da policia por occasião da expulsão dos jesuitas em 80, e mais tarde adepto das idéas conservadoras e catholicas. «Luiz Andrieux, antigo deputado—escreveu o celebre estadista—dirige a Monsenhor Arcebispo d'Aix, seu eminente compatriota, a expressão de suas respeitosas sympathias.»

*Allemanha.*—As obras de Deus trazem sempre consigo o cunho de permanencia e estabilidade: é pois obra de Deus o progresso do catholicismo, desinvolvido no grande imperio fundado por uma trindade acatholica: Guilherme, Bismarck e Moltke. Windhorst foi o talentoso architecto d'aquella obra magestosa. Por fiel correspondencia aos designios de Deus, a obra perdura e vê-se ostentando apparencias de querer desafiar os seculos.

Na morte de Windhorst recearam os tímidos o abalo do centro: mas os tímidos, julgando a Windhorst como a Bonaparte, cairam em erro. O grande general trabalhava para si, para engrandecimento de seu nome e de sua

familia; o habil politico do centro, humilde como christão sincero, lidou para Deus e por Deus. Não morre pois a sua obra: o Reichstag ahí está a confirmal-o exuberantemente com cincoenta mem-bros, cin...co...en...ta mem...bros, que são sacerdotes catholicos.

Isto é um assombro!

Quem nos déra uma germanica igual no nosso Portugal fidelissimo. Veriamos então o *Seculo* a ir á missa e a confessar-se (ao menos uma vez cada anno.)

*Espanha.*—Por toda a parte os liberaes, que bem se conhecem patifas, mas que fruam (entre os ingenuos) d'uns creditos que lhes não pertencem, fremem, n'umas iras medonhas, quando a verdade cai de chofre, e os esmaga com todo o peso de seu rigor. O sr. bispo de Tuy, n'uma eloquente carta pastoral, affirmou, sem rodeios nem re-folhos, *que os males que a sociedade apresenta, tem como causa a liberdade mal entendida e desgraçadamente tolerada por nccsas leis, a cuja sombra es ses periodicos malvados nada respeitam, nem a religião, nem a fama alheia, nem a honra, nem o pudor, nem o interesse da propria sociedade, pois de todo o transtornam, de todo o pervertem, de todo o mancham, e acabariam de ser a ruina do mundo, se se não er gue um dique a seus propositos satanicos.*

*Durus est hic sermo.* Os periodicos liberaes e mações, que tudo é o mesmo, doeram-se, angustiaram-se, e explodiram raivosos contra o zeloso prelado, que vendo os lobos no rebanho atirou-lhes certo e sem medo. Conta-nos o R. Padre Calixte, na sua *Vie d'Anna M. Tuige*, que n'uma epocha não remota seriam *desmascaradas muitas pessoas por largo tempo julgadas dignas.* Esta prophesia da Veneravel, parece realisar-se agora com os heroes da trolha. Muita gente andou com elles illudida, embora os clamores continuos da Igreja, mas esses clamores agora começam a ser ouvidos, muito ouvidos, o que produz a irritação geral dos homens e dos periodicos contra os principes da Igreja quando levantem a voz em prol da verdade.

Honra pois ao digno bispo de Tuy, que mordido pelos herejes da sua patria ha merecido as maiores provas de sympathia de todo o povo fiel.

\* \* \*

*Italia.*—Não podem ler-se a não ser com a alma vivamente impressionada e o coração trashedando lagrimas, as ultimas palavras de S. Sanctidade ao sr. Leão Harmel, presidente dos peregrinos operarios, e a sua familia, honrada com audiencia particular e communhão pela mão do Sancto Padre, no dia 8 d'outubro.

Estas memoraveis palavras encerram a fiel expressão dos tempos actuaes e notaveis prophesias para um futuro proximo.

«Publicai tudo quanto se praticou, disse o venerando Pontifice, contra o Papado e contra a Igreja.

«Estes acontecimentos enluctaram-me sobremodo, porque os governos estão de accordo com os mãos. Estavam resolvidos antecipadamente e a má in-orensa só disse bem das peregrinações porque ambicionava o dioheiro d'ellas.

A festa de S. Miguel entonteceu-os. Gritou-se: «Viva o Papa e os francezes!»

«Por 48 horas andaram os discolos á vontade para fazerem manifestações hos-lis á Igreja e á França. E' a força bruta que de presente domina, sim a força bruta.

«Renova-se a Paixão: eis o horto, a coroação de espinhos, a cruz aos hom-bros, depois... depois o Calvario. Sim, accrescentou o Sancto Padre com ex-pressão de indefinivel resignação, sim, o Calvario. E' mister que o subamos. Querem victimas, querem que o Papa soffra, que seja victima.

«Pois bem: preparemo-nos. Deixam se livres os mãos e os proprios governos os ajudam: vereis que o Vaticano é as-saltado.—Ah! meus filhos, não mais ve-reis o Papá actual; importa que elle ex-pire no Calvario, mas depois da morte virá a resurreição. Outr'ora o Papa era prisioneiro, hoje é refem, abandonado á mercê d'um punhado de malvados. Os governos desamparam no; encontra-se só, completamente só, tendo por si apenas a Providencia divina.

«A vós, meus filhos, devo-vos agra-decimentos. Consolastes o meu coração por tres semanas; sim, a familia Harmel foi a minha consolação. Deus vos dará a recompensa, não só em vossas almas e em vossos filhos, mas tambem em vossas empresas materiaes. Sim, Deus ha-de abençoar-vos.

«Ouviz, Felix! O bom Deus abençoa-rá a vossa familia. Não desanimeis, so-breludo pelo que se passou: ao contra-rio, tende mais confiança que nunca.»

S. Sanctidade perguntou onde estava o filho Leão do sr. Harmel, que tinha o seu nome.

«Muito bem, Leão! trabalhastes mui-to. Faço-vos cavalleiro de S. Gregorio. E' vós, Felix, sereis commendador. De-pois, dirigindo-se ao *Bom país* (assim chamam os operarios ao sr. Harmel) disse: «Quero escrever-vos uma carta que conservareis na vossa familia. Direi cla-ramente que toda a consolação que tive n'esta peregrinação a devo a Harmel. Agora uma recordação para Harmel, é o meu retrato. Adeus, meus filhos, adeus, eu vos abençoo.»

A carta de S. Sanctidade ao sr. Har-mel é um documento honrosissimo para

o catholico industrial, chefe dos pere-grinos francezes.

Signal evidente do desequilibrio mo-ral do governo italiano, foi publicado em Monza, com data de 7 d'outubro, um decreto em que declarava ser ver-dadeiro concubinato o casamento reli-gioso dos officiaes militares, os quaes, para evitar por tal delicto as persegui-ções judiciais, *haviam de separar-se de suas esposas.*

A que ponto baixou a desventurada Italia!...

## Noticias

*Fim d'um perseguidor.*—Alfonso Bian-chi, pedreiro livre, filiado na loja dos *Philadelphos* de Londres e na *Etoile du Nord*, de Lille, administrador do jornal *Réveil du Nord*, largamente estipendiado pelo governo francez, distinguiu-se em Lille, na sanha diabolica de expul-sar dos hospitaes os professores catho-licos da escola de medicina. Ha dias, passou á Belgica e poz termo á exist-encia, deixando após si longa serie de commentarios relativos á causa de sua morte.

*Um sabio.*—A ignorancia do clero foi por muito tempo obstinada teima d'uns cabeças leves, uns microscopicos sa-bios de botequim e de gazeta. Hoje não. Ou se desilludiram ou sentem que a sandice os desconceitua; por isso acautelam-se mais ao falar da inscien-cia clerical. Fazem bem n'isso, fazem; que amiude, entre os ecclesiasticos, embora sua principal missão tanto os prenda ao confessionario e ao pulpito, apparecem homens notabilissimos, cu-jas obras, em assumptos scientificos, são as que mais enchem as bibliothecas. De presente, destaca-se o R. P. Carran, sacerdote catholico, da diocese de Ba-thuret, (Australia) que obteve o pri-meiro premio, offerecido, pela Real So-ciedade de Geologia de Londres, no concurso aberto entre os sabios de to-das as nações, ao que melhor trabalho apresentasse sobre a structura das ro-chas Australianas. Honra pois ao insi-gne padre que merece tomar assento entre os mais conspiciosos naturalistas.

*O Sagrado Coração de Jesus e a re-publica do Equador.*—Entre as nações do mundo sobresai notavelmente esta republica americana, adoptando o di-vino Coração para seguro protector e honrando-o annualmente com uma fes-tividade solemne, indo n'ella o presi-dente, acompanhado dos membros das duas camaras, fazer expressa consa-gração d'aquelle povo ao Sagrado Co-ração. E' a mais imponente festividade que alli se faz: harmonisam irmãmente os dois poderes, civil e ecclesiastico,

n'aquelle acto sobremodo significativo e de singular efficacia para unir entre si os cidadãos e chamar sobre elles grande copia das benções do Altissimo.

O Equador, com uma superficie superior á da França, com terrenos feracissimos, uma população que augmenta de dia para dia, um clima onde se encontram todas as temperaturas, e governado sob os auspícios do Coração de Jesus, progride para um futuro de incalculaveis felicidades.

A consagração da religiosa republica repetiu-se ha poucos dias na capella do Voto nacional, com magestoso esplendor, concurso extraordinario de fieis, e tam exemplar edificação, que bem pudera affirmar-se ser o Equador uma grande congregação religiosa, com bem dirigido noviciado, onde com perfeição se aprendêra a adoração devida a Deus no culto interno e no culto externo. Se maravilha ver uma familia presidida pelo Sagrado Coração, quanto não agrada contemplar um povo sujeito á sua paternal e justissima auctoridade?

Novembro — 4.

P.

## VARIEDADES

### Sancta Catharina

(Continuação do n.º antecedente)

IV

ANTES que o sol se occultasse no horizonte, os mestres, os sabios e os philosophos, chamados pelo imperador, dirigiam-se em grupos ao palacio, vexados entre si do convite para discutirem com uma mulher, cujo saber o menor d'entre elles houvera desprezado.

Compareciam n'aquelle singular congresso representantes de todas as edades e nações: gregos, vestidos de tunica de cintura larga e farto manto ave-ludado com pregas harmoniosas; romanos, de toga cairelada de púrpura; syrios, desvanecem-lo-se de seus costumes opulentos; velhos de fronte nua e os raros cabellos alvejantes a par de jovens enfatuados a crerem-se alguém.

Advinham os ricos em palanquins

ou liteiras, transportadas por escravos negros e seguidos dos discipulos que os victoriavam; a passos lentos caminhavam os pobres, involtos no burel, arrastando se estes a grande custo firmados em muletas, aquelles na extrema senectude, de espessas barbas brancas, ostentando bisarramente os seculars andragios, outros despontando ainda em todo o vigor de sua adolescencia.

Christãos apostatas e pagãos, idolatras da região do Ganges e do Indo, hereseges da Asia Menor; muitos sacerdotes iniciados nos mysterios de Eleusis; gallos, sacerdotes de Cybele, magos tradicionalistas da Kabala, hebréos fanatizados na expectação do Messias, hierophantes e flamines.

Alli, havia representantes de todas as religiões, setas e nações: personagens obscuros, d'aspecto severo, desconhecidos entre os mais, seguidores ainda dos cultos pavorosos de Toul e Moloch, divindades cartaginezas.

Caminhava esta numerosa turba para o palacio imperial, composta não somente dos cincuenta sophistas convidado por Augusto, mas de mais que umcentanar, seguidos d'um exercito de clientes e discipulos, sem contar os curiosos, as mulheres e as creanças, anseiosos que o imperador ordenasse os supplicios antes que findasse a noite.

E na cidade, por onde transitava toda esta gente, não cessava de correr o sangue humano, ao mesmo tempo que o fumo dos holocaustos subia para o céu em longas espiraes, formando um véo opaco nas regiões atmosphericas.

A sala destinada ao imponente Congresso era circular, formada em galerias, nas quaes os espectadores iam tomar assento. Aos conspícuos doutores foram destinadas cathedras almofadadas de damasco indio, e á joven Catharina um cabello de bronze dourado, ao imperador e á imperatriz dothrónos magníficos, incrustados de nácar e marfim.

Cedo foi invadida a sala por tanta affluencia de ouvintes, que urgiu conservar as portas abertas, para que os officiaes do palacio podessem participar d'este notavel espectáculo. Chegaram emfim Maximino e Faustina, elle cobrindo o manto imperial e ostentando na frente uma coroa de louro que lhe

cingia os cabellos ruivos, pulvilhados de ouro, ella adorada com o melhor de seu fausto principesco e exhibindo uma belleza sem igual.

Quasi logo entrou Catharina, assombro tambem da belleza, mas vestida com simplicidade, de lã branca, sem um bordado, uma joia, e a frente involta d'um véo que apenas lhe deixava apparecer as feições. Faziam-lhe sequito algumas das mais distinctas damas da cidade, e aguardavam por ella nos vestibulos do palacio os seus servos dedicados, confundidos com muitos christãos atrahidos aqui para lhe assistir e a defender.

Acalmado o rumor produzido á sua entrada, beijada respeitosamente a mão de Faustina e saudado o imperador, Catharina, dirigindo-se aos philosophos persignou-se e falou nos termos seguintes:

— Tu mesmo, Augusto, não te admiras de me obrigar a uma lucta desigual, entregando-me a estes illustres e sapientissimos oradores? Posta em Deus a minha confiança, eu obedeço-te. Mas se me vires victoriosa, promettes-me abandonar o éro e adorar o verdadeiro Deus?

— Prometto, palavra de imperador, disse Maximino, inclinando para a joven o sceptro encimado pela aguia romana.

Principiou então a discursar um dos sophistas, censurando a Catharina o hostilizar os deuses, accusando a de sacrilega e blasphema e exprobando-lhe sua presumpção e ignorancia.

Escuteu-o ella calma e paciente, e quando o viu terminar, propoz-se com vehemente eloquencia e rigorosa precisão demonstrar tres verdades importantes.

Primeiro, que a historia dos deuses egypcios, gregos e romanos, é miseravel tecido de fabulas grosseiras, mentiras infames, e pasmosos absurdos; segundo, que é impossivel a um homem razoavel admittir um systema philosophico, assente sobre outras bases, que não seja a existencia d'um só Deus. Creador e Legislador do universo; emfim, que é preciso, sem prejuizo da unidade do Deus, reconhecer a Jesus Christo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, salvador e redemptor.

(Continua)

## O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou pelo anno.

O anno começa no 1.º sabbado de janeiro

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a MANUEL MARIA FRUCTUOSO — NEGRELLOS. Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua do Gil Vicente, 64—GUIMARAES.